



Fragmentos de sabonete

Jorge Mautner

(1973)


azogue editorial

OS OBJETOS NÃO-IDENTIFICADOS

Ninguém escapou da bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki, e se Nara Leão estranhava na época que eu colocasse isso em letra de música é porque ela também não devia estar tão alheia a isso, se bem que de uma maneira em negação, a emoção a atingia.

Fomos todos atomizados e isso é bom, é a liberdade em seu novo e sempre e incessante sentido modificante pelos tempos afora.

Liberdade = suprema elasticidade, capacidade de habitar simultaneamente vários espaços culturais em harmonia, velocidade com doçura, porque quando a velocidade é tão grande é também muito grande a responsabilidade de cada um de nós, astronautas heróis das estrelas. Acender o incêndio certo e apagar o errado. Ação simultânea. A espada flamejante e o bombeiro que faz chover a chuva da grande sementeira.

A responsabilidade social e a do trabalho: a harmonia social. O respeito, o cultivo da boa educação, da ginástica, da disciplina brotando como necessidade natural do viver-em-conjunto, e não uma coisa vista como algo “imposto”.

A carne como fonte de prazer, como fonte, simples fonte a jorrar partículas de comunhão. O coletivo e o individual-total em harmonia e comunicação, na vertical e na horizontal.

O em cima e o embaixo no sonho e no universo são o mesmo.

Trabalho & ordem & harmonia & responsabilidade & caos & beleza & falta de complexos de culpa / crença no futuro-presente & alegria & olhar realista & olhar surrealista & todos os universos a vir abençoados pela alegria de viver aqui-agora construindo o aqui-agora! O ufanismo é planetário & nacional.

O ufanismo é auto-afirmação orgulhosa, sensualizante, uma paisagem de trabalho fáustico pelo prazer do trabalho e não pela punição, e mesmo assim esta paisagem de trabalho fáustico por ilhas ecológicas

de paraíso do simples pairar, do não-fazer, do nadar nas águas azuis de Iemanjá.

Falei também sobre estes assuntos com o poeta Robert Lowell de quem fui secretário pessoal e literário nos EUA, e com Paul Goldman, sempre de blue-jeans, tendo atrás de si os arranha-céus de Nova York.

Foi em 1958 que eu vi e que tinha visões e me sentia como médium de mensagens que vinham através do disco voador, sugerindo, sussurrando ao meu inconsciente paisagens e atmosferas poético-musicais. A primeira pessoa a quem falei sobre isso foi Vicente Ferreira da Silva, meu mestre e amigo, hoje falecido. Depois calei-me, porque a época não admitia este tipo de Visão: o que escrevia no “deus da chuva e da morte” já era suficiente “irracionalismo”, e além disso contava uma longa história sobre o dilúvio universal e o disco voador.

Com Mario Mattoso prossegui conversações sobre o tema e ele me falou em Jung. Também pude falar com o poeta Paulo Bonfim sobre isso, e com Roberto Piva, outro poeta, mas, com os poetas, os êxtases e as visões, as comunicações extra-sensoriais são experiências comuns. Assim também com Lindolf Bell.

Foi também com cientistas que eu falei, muitos me entusiasmaram e ficaram me explicando a proximidade destas visões e este modo de pensamento com a visão da relatividade, um deles foi Má-rio Schenberg. E sorria, porque todos eles me confirmavam o que meu velho pai, Paul Mautner, me havia falado sobre o assunto, em suas longas explicações de complicado português-germânico, com seu charuto e sua fumaça a me engasgarem, e complicadas fórmulas geométricas e matemáticas.

Meu vis-à-vis com a ciência, com as artes, com a mediunidade, com os discos e com a música (violino europeu e batuque negro) data de minha infância. E o olhar e a sensação de amor para com o Brasil, desde meu nascimento. Já pensaram como se ama a terra que te possibilita nas-cer, sabendo que do contrário você seria cinza de forno crematório nazista, na terra dos vampiros?

A negra da minha babá Lúcia, minha segunda mãe, que desapareceu velhíssima quando eu tinha 12 anos, era mãe-de-santo, e me entremembro entre imagens fugidias de um passado em que de-veria ter um ano, dois anos, três anos, cerimônias de terreiro com batuques ecoando,

festas como em flashes, cenas rápidas que são o núcleo e o centro de minha inspiração musical, rítmica poética, a motivação pelo meu grande respeito pela arte negra, pela filosofia negra, pela missão do mundo negro afro-brasileiro. Quando me lembro dela, entro em transe. E é a mesma coisa que o disco voador. A leitura dos textos do superpensamento ocidental, a ciência de hoje, tudo isso me confirma como certo, os êxtases, as intuições anteriores. Em todas as leituras, na horizontal e na vertical.

É por isso, por ter sido eivado com tanta certeza histórica, ontológica, emocional, sensorial, cósmica e metapsíquica, que deve advir meu extremo otimismo, meu riso, minha certeza no amanhã florido e sem complexos de culpa na grandiosidade dessa nação-continente e no porvir conseqüente do planeta. Somos todos entidades, partículas, átomos.

O ta-ta-ta do zen é a iluminação no cotidiano, e em gíria seria: é isso aí.

Agripino de Paula, autor de Lugar Público e Panamérica, depois de sua viagem africana mora na Bahia. Nelson Coelho, de O inventor de Deus, oculta-se irradiando nas montanhas de São Paulo. Leminsky, de Curitiba, escritor de Catatau esparrama sua pororoca com luz. Luis Carlos Maciel, artigos e poesias, o filósofo com visões, embebido pela Índia. Lucia Shybuia impublicada escreve a meu lado, chove. Os trópicos falam uma linguagem muito particular. Wally Sailormoon, da extinta coleção corda-bamba, autor de Me segura que eu vou dar um troço, aprende a fabricar árvores anãs e jardinagem no interior da Bahia. Jorge Salomão, o Jeca Total. José Simão e seu livro sobre vedetes. Muita gente escreve, é um ato religioso.

Letícia, Creusa Carvalho, Isabel Câmara, as amazonas.

E há mais, os que escrevem dentro dos sonhos e depois esquecem as palavras. Como se fossem feitas as letras destas palavras de um mármore leve e voador por detrás dos montes azuis da eternidade-veloz.

As palavras são arabescos de flores arrancadas da alma, são sons que também caem como notas nas bocas das trombetas dos anjos de Jericó a quebrar a muralha dos preconceitos. Às vezes são gordas e flutuam pelo ar feitas de plástico inflado azul, como anúncios de amor.

A natureza (talvez um teste de Deus) gosta de colocar sempre ao lado do homem um grande perigo do abismo. Guerra nuclear, suicídios, pessimismos variados. O demônio das várias formas. É talvez para agu-

çar o instinto de sobrevivência necessário à espécie, treino-ginástica de permanente superação, impulsos contra a inércia, a apatia, motivando o amor ao desafio.

Nas artes marciais aprende-se que uma força muito grande concentrada equivale a uma posição e postura de serenidade. É tamanha a quantidade de força adquirida que equivale a uma enorme não-força. É como o equilíbrio atômico: tanta força destrutiva possível que leva à paz.

Assim o raio laser, que é luz concentrada e colocada em linha reta fabricando o raio laser, que não mata, apenas imobiliza. O raio laser é uma arma da paz: a força limita-se a imobilizar, não destruir.

E cientistas hoje falam que daqui a uma década vão poder operar com a força gravitacional que segundo Einstein funciona em onda como a luz. Sua velocidade será maior que a da luz? Nesse caso o tempo retrocederá na onda gravitacional.

Levitações, energias ilimitadas.

O grande equívoco de muita gente e que motiva a depressão e uma atitude heróico-suicida aparentemente ativa e de combate, mas ocultando um grande niilismo, é o fato de elas considerarem sempre aquilo que se foi como melhor do que aquilo que vem. Daí seu pessimismo que possui mil ramificações, desde o veneno psíquico, à apatia, ao niilismo destruidor. A crença na velocidade da ciência, um aprofundamento nas possibilidades do presente-futuro que já começou são condições sine qua non para a abertura e a dadivosidade que surgem juntas com o otimismo e as atitudes construtivas.

Quem nos ensina as lições é o disco voador. Por ser a prova do mistério total e, no entanto, em contato com os homens, é o milagre.

Mais lamentáveis do que as pessoas que reduzem tudo a um jargão ecológico de 5º categoria & mecânico, são os que de outro espaço cultural reduzem tudo a um jargão psicanalítico, também de 5º categoria: o psicologismo de boutique! (E estou falando de gente formada em universidades! Fariseus, homens e mulheres, que triste para Freud!)

À medida que considero tuas reações emocionais agressivo-pessimistas-apocalípticas fora do cool, ibéricas fora do comedimento que para os gregos era a beleza, uma doença, uma neurose, não me emociono com elas. Instantaneamente ergue-se um muro do mais puro raio laser como escudo dourado defendendo-me ao infinito contra tuas radiações

doentias. As flechas do teu veneno não conseguem sequer invadir o sistema auto-defensivo do meu ser nas fronteiras de primeira linha! Motivo: repito-o, meu cérebro detectou que tuas reações tendentes a enfraquecer meu entusiasmo pela vida, pela liberdade, pelo Eros, pela integração, a ordem, a harmonia foram consideradas como sendo originárias da escassez, do medo, da tua fragilidade: portanto, doença. Não me contagio. É a lei da sobrevivência da saúde. Espero que você melhore, o Tempo, essa 4ª dimensão faz milagres.

Se na velocidade da luz alcançamos a eternidade, pois estaremos no eterno presente (a 300.000 quilômetros por segundo), como será naquela velocidade que é maior que a da luz, e que deve ser a velocidade das ondas gravitacionais ainda em estudos em laboratórios soviéticos e norte-americanos? Como imagina o leitor/a a paisagem que fica para além da paisagem da eternidade?

A cada dia suas aflições.

“ditado bíblico”

Caminhava encurvado, não ao peso dos anos, mas ao peso das preocupações em demasia. Foi só quando um relâmpago o atingiu em plena espinha dorsal num dia azul, em que relâmpagos estatisticamente são raros, quando até mesmo impossíveis, pois nuvens nem brancas existiam, foi que o rejuvenesceu. Isso estatisticamente também é raríssimo: não morrer ao ser atingido por um raio! Mas era um raio de Cupido, o mais sutil, ágil e importante dos deuses.

Passou a cantar e assobiar, entrando em contato com vários espaços e dimensões. O que aconteceu foi que por uma dessas trajetórias ao acaso de um disco voador eivado de mistério vindo do campo gravitacional do espaço Z, deixara-se atrair pelas ondas gravitacionais da Terra e sucedeu o relâmpago amoroso que, em vez de matar o preocupado rapaz, abriu-o para o mundo.

Os deuses do Olimpo, das umbandas, dos candomblés, de todas as seitas conhecidas e por conhecer viajam em discos voadores que são a materialização de Deus, que é tudo e é muito complicado, por isso aberto a infundáveis explicações e mais perguntas.

A astrologia da Babilônia deu ao povo judeu a Cabala e o sagrado candelabro, por isso em certos ditados de rabinos há uma sutil inteligência universal-astronáutica-zen: “a cada dia suas aflições”, um amargo-

-irônico, um triste-alegre, um estoicismo com sorriso.

Mas o Cupido em questão era uma entidade helênica, seu lado apolíneo, seu lado dionisíaco era Eros, e Eros andava às vezes de mãos dadas com a Morte-Tanatos para tornar mais densa e forte sua presença.

A presença é tudo. Hermann Hesse diz que o Buda, ou qualquer iluminado, nota-se a sua presença até mesmo quando de costas. A cada um segundo suas capacidades, digo eu. Não precisamos ir tão longe, se observarmos a sua presença, leitor, leitora, por um gesto, um olhar, uma coisa construída: uma ponte de tijolos ou fantasia, um ato de trabalho coletivo, é o mesmo. Tem o mesmo teor. Valor, qualidade é isso: capacidade de emitir e receber vibrações sutilíssimas de informação divina.

Divina é a sobrevivência, é o superar-se continuamente (Nietzsche-Freud-Karl Jaspers), e divino é Elisete Cardoso, Silvio Caldas, Gal Costa e Maria Bethânia. Etc. Minha professora de História disse que castigaria quem usasse etc. Mas etc. é em si a idéia mais sintética da totalização-da continuação-da perpétua-transformação da espécie em linguagem, costumes e ousadias de sobrevivência. De Oswald de Andrade a Tristão de Ataíde não há contradição, assim como não há entre Gustavo Corção e Teilhard de Chardin. O coração de Deus criou a todos para enunciarem determinados ângulos, todos verdadeiros.

A pedra no meio do caminho de Carlos Drummond de Andrade (outro Andrade?) é o milagre, é a pedra da mutação na qual ele tropeça na estrada mineira, a caminho de 1922. A pedra já estava lá antes e depois. Guimarães Rosa descreve a mata misteriosa que viceja ao lado da Pedra que está parada em movimento, ao mesmo tempo, na paisagem encontrada pelo Drummond.

De Graciliano Ramos a Augusto dos Anjos, de Rosselini a Andy Warhol, de Nelson Pereira dos Santos a Augusto Comte, a preocupação do realismo mal contendo a explosão da religiosidade, é mínimo. Descrevem o tridimensional já engolidos pela quarta dimensão. Já nos falam do lado de lá.

O que nos irmana, como nação, como planeta, é este desejo de união, que é o amor. Aumentar o calor por entre nós mesmos, dentro e fora de nós mesmos. Um rádio ligado, uma TV são companhias humanas, os velhos tomando consciência, os discriminados sexuais até hoje retificados e objetivados malignamente por mentes maniqueístas tomando

consciência, assim como a mulher, 50% da população mundial tomando consciência é como um enorme leque, uma enorme nação de maracatu, não posso me furtar, atômico!, a dançar como o cortejo da Grécia dionisíaca sonhada pelos além-românticos alemães.

O erudito e o popular? Divisões formais, maniqueístas. Claro. A educação dá-se por ondas simultâneas via satélite-via tambor.

Ondas de sensibilidade, sensibilidade. A diminuição do teor de agressividade é dever geral de todos, e dos artistas em particular como líderes da sociedade planetária, que precisa respirar, amor, paz, trabalho, fruição, sede de infinito sem fim, sem fim, como no jazz, nas batucadas que jamais terminam. Um som penetra o outro continuamente.

Como me parece que este é o fim de mais um livro sem fim que escrevo, despeço-me dos leitores com aquela cumplicidade, que negativa ou positiva ou ambas nos une desde agora, e gostaria que me escrevessem, a essa editora Ground que topou lançar o livro – e é uma turma tão legal—, para que nos conheçêssemos melhor e o papo continuasse.

Das várias fontes gráficas cinematográficas nas quais o Tropicalismo e o pós-Tropicalismo beberam e depois irradiaram transformadas, poderíamos ainda detectar ao sabor do riquíssimo acaso: José Mojica Marins (o tenor sertanejo paulista premiado na França e consideradíssimo por Glauber), Mazaropi (fabricador em massa de populismo), Walter Hugo Khoury (esteticismo kitsch – antevisão de alguns aspectos hollywoodianos da TV Globo), Fernando Campos (entre o cinema novo & novíssimo e depois), Antonio Calmon (Paranóia, que filme será esse?), Saraceni (ponte entre cinema novo e agora?).

Bôscoli & Menescal: “dia de sol, festa de luz, e um barquinho a navegar...” (novamente o ideograma-mágico-arquetipal-inicial de uma baía) e Menescal foi habitar as profundezas das águas em sua pesca submarina, onde agora ele já não mata mais os peixes, pois segundo ele o peixe fica te olhando bem perto dos olhos e da boca como um anjo aquático.

É grande a faixa litorânea brasileira. Mas é também preciso colonizar o oeste e além. E Dora Ferreira da Silva, em 1959, a primeira que me captou de um modo ontológico na apresentação de texto meu na revista Diálogo nº 13.

Mauro Rasi “caos”, mergulhos profundos na histeria, agressividade tratada como o ornamental. Vicente Pereira, do infantil ao super-agressivo talvez sem o saber, a crueldade como prazer, mas também o outro lado: doçura oculta; ambos autores teatrais. E José Celso: superdotado Brecht tropicalizado do interior paulista, peca também (deve ser postura-mania da classe teatral!) por agressividade desnecessária para a profundidade do seu ser.

Maria Gladys e Helena Ignes (cinema novo, novíssimo) ausentes e agora no que parece ser uma onda de “renúncias” para a quietude e plenitude do ser? Ou para niilismos de desistências? Maravilhosas porque vivendo são obras de arte. Para Torquato Neto, poeta sensibilíssimo porém suicida (a doença foi mais forte), repito as palavras de Maiakovski (que também suicidou-se, pois a fraqueza num dado momento foi mais forte) “morrer não é difícil / difícil é a vida e seu ofício” para Iessienin, outro lamentável caso de suicídio. Meu lema: “Se o amanhã trará cada vez maiores sofrimentos, fabricaremos maiores entusiasmos para superá-los, absorvendo-os com a máquina invencível do nosso entusiasmo! Todos temos que triplicar nossa produção!”

Mas que maravilhoso o contínuo e ágil ativismo dessa ex-vedete (e com isso toda uma glória circense), dessa magistral atriz: instinto indígena da mãe & lógica tortuosa alemã por parte do pai, de Norma Benguel! E o dadaísmo tropical de Chacrinha, até Dercy Gonçalves, até Chico Anísio da TV e Marília Pêra (trabalhadora-otimista) e Grande Othelo e Zé Trindade!

Rogério Duprat, Cozzella, Julio Medaglia, com quem duetei na TV de violino Bem-te-viu e mestre Perinho Albuquerque, molho baiano e lógica! Viva o trabalho permanente! E seu entusiasmo imanente.

Se tivéssemos um transferidor linear (geometria euclidiana simples) e tivéssemos de um lado o 0º, teríamos perto (perto porque não o alcançaríamos jamais, pois a abstração do absoluto é linear) deste misterioso zero grau J.R. Tinhorão, e do outro, perto dos 180º do outro lado (também apenas por muito perto pelos mesmos motivos do 0º oposto), Ezequiel Neves. Os dois críticos musicais radicais que se equivalem. Eu estaria com meu trabalho e visão, lá perto dos 90º do centro, como um democrata, um democrata duro, alerta aos ataques do inimigo, e sempre vagueando pelos outros graus, até mesmo os de outras geometrias... po-

rém mantendo firme um núcleo central de equilíbrio ecológico.

“O tempo é um ladrão. Quando se descobre isso já é muito tarde.” De Mariah Costa Penna, autora de Casa do Morro, Duda Hotel das estrelas. Escrevem pela noite. Chico Bezerra, que ficou cariciando um cão sarnento que subiu ao palco à tarde durante ensaio na concha acústica de Salvador-Bahia. Luis Fernando, um radical de todos os radicalismos como estrelas por aí. Antonio Bivar veste as paisagem todas como um conto de fadas real. José Vicente essencializa a linguagem com origens de missa. Como Milton Nascimento nos sons. Júlio Barroso e sua valerosa equipe da revista Música do Planeta Terra, visões-totalizantes. Jorge Andrade; café: o grande ciclo; e fantasmas que existem. Janete Clair é captação profunda de nervos nacionais. Raquel de Queiroz é lucidez nordestina de uma feminista antes delas. Mestre Pietro Ubaldi da Grande síntese, e a Eubiose de Walter Smetak. Todos caminhos para a grande abertura entusiasmada da vida. Comigo foi um disco voador que injetou um raio de luz, operação craniana como no tempo dos faraós? A cor era azul como a cor da libido e ação no dizer de Wilhelm Reich, o distante pai alemão do beat norte-americano. E quem foi Zé Arigó?

Risério Filho, papos sob o luar de Itapuã fosforescente sobre os Irmãos Campos concretos, Décio Pignatari e os computers poéticos. Todos escrevem à noite. À noite mudam os cães, os gatos, as marés (cabelos de lemanjá em movimento), mudam todos os cérebros. Noite Rainha do Pessoa. Assis Brasil, o crítico-romancista que primeiro considerou o que escrevo de maneira sociológica. No sul do país brilha um sol lunar, mas um sol quente, campos de soja e mil fermentações. (Faltam nomes! Faltam dados!)

A estrela-de-davi é um símbolo astronáutico. E também, é claro, da Umbanda.

P.S.

E tenho que dizer neste final de livro num P.S. significativo, porque em todas as direções como o grande leque de vitória-régia do Amazonas, que a missão divina e suprema do poeta e do artista é harmonizar os conflitos, é diminuir a agressividade e os extremismos e os atritos e a violência e promover profunda união de todos os irmãos da nação que

é continente, e que é o profundo florão das Américas de onde nascera a nova coisa (isso eu já disse em 1958 e repito-o agora), pois é de acordo com a profecia de Hegel, e me vem do disco voador e é verdade. A missão nacional do artista é a mesma que a missão internacional, por isso ele é tudo ao mesmo tempo, pois é missão dos artistas de todos os lugares e povos promoverem a união de seus irmãos para fazer brotar daí cada vez mais denso o significado da existência e da felicidade para todos, ao nível nacional e ao nível planetário, na horizontal e na vertical, aquilo que se aprofunda, adensa, também se alarga, cresce em direção a Deus.